

Por que a Violência, se Podemos Viver em Paz?



Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil
www.conic.org.br



Coordenadoria Ecumênica de Serviço
www.cese.org.br

Publicação conjunta da **Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE**
e do **Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC**

Salvador e Brasília, julho de 2004.

Diretoria da CESE (Triênio 2003-2006)

Presidente: **Dom Gilio Felício CNBB** - Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR)
Vice-Presidente: **Dom Jubal Pereira Neves** - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)
Primeiro-Tesoureiro: **Luiz Carlos Escobar** - Igreja Metodista (IM)
Segundo-Tesoureiro: **Cristina Maria Arede Oshai** - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)
Primeiro-Secretário: **Pr. Carlos A. Möller** - Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB)
Segundo-Secretário: **Rev. Douglas O. Santos** - Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB)

Coordenação Executiva da CESE

Diretora Executiva: **Eliana Rolemberg**
Supervisora Administrativo-financeira: **Maria Íris (Lia) da Silveira**
Supervisor de Projetos: **Dimas Galvão**

Diretoria do CONIC (Quatriênio 2002-2006)

Presidente: **Bispo Adriel de Souza Maia** (IM)
1º Vice-Presidente: **Pr. Dr. Rolf Schünemann** (IECLB)
2º Vice-Presidente: **Dom Antonio Celso de Queiroz** (ICAR)
3º Vice-Presidente: **Dom Celso Franco de Oliveira** (IEAB)
Secretária: **Presbítera Elinete Paes Miller** (IPU)
Tesoureiro: **Pr. Carlos Augusto Möller** (IECLB)

Secretaria Executiva do CONIC

Secretário Executivo - **Pr. Ervino Schmidt**
Secretário de Programas - **Pe. Gabriele Cipriani**

Texto original, em inglês: Diana Mavunduse e Simon Oxley
Publicação original: Conselho Mundial de Igrejas - CMI

Tradução para o Português: Pr. John Miller e Presbítera Elinete Paes Miller (CONIC)
Supervisão Editorial e Gráfica: Boaventura F. Maia Neto (CESE)
Colaboração na Edição: Pr. Armindo Klumb (CESE)
Revisão de Originais em Português: Beatriz de Souza Lima e Marco Aurélio Gondim (CESE)
Editoração Eletrônica: Luciana Tosta e Ricardo Tosta Júnior (Fast Design)
Impressão e Acabamento: Fast Design

Índice

<i>Por que a Violência, se Podemos Viver em Paz?</i>	5
Por que e como usar esta cartilha?	5
Convite à Participação	7
<i>Por que uma Década para Superar a Violência?</i>	9
<i>A Violência é Inevitável?</i>	11
<i>Como Usamos o Poder?</i>	18
Reflexão sobre o poder	18
<i>Como agir com justiça?</i>	27
Reflexão Sobre o Poder	27
<i>Qual a Importância da Identidade?</i>	35
Para ajudar a refletir sobre identidade	35
<i>Sugestões</i>	42
É Possível Atuar para Transformar?	42
Focalizando e Procurando Ver Mais Profundamente	42
Saibam o Que Vocês Querem Fazer	43
Envolvam Mais Gente	44
<i>Ações Concretas</i>	45
<i>Preces</i>	47
Salmo da Paz Sonhada	49
Para Anotações	51

Por que a Violência, se Podemos Viver em Paz?

*Texto do Conselho Mundial de Igrejas - CMI
Usado na “Década Para Superar a Violência”*

Esta cartilha se destina à orientação de pessoas, grupos comunitários e igrejas na ação e reflexão durante a *Década Para Superar a Violência*.

Por que e como usar esta cartilha?

A cartilha tem como finalidade ajudá-los e às suas comunidades

- a refletir sobre a *Década Para Superar a Violência*;
- a promover a reconciliação e a paz

A cartilha se compõe de

- Uma introdução básica à *Década Para Superar a Violência*
- Quatro seções de material para reflexão
- Seção de sugestões sobre como agir
- Informação sobre recursos adicionais
- Uma prece e o “Salmo da Paz sonhada”

Cada item da reflexão tem três partes:

- Exercícios para contextualizar o tema a partir das próprias experiências;
- material para estimular a conversação e o debate do tema;
- sugestões para estudos bíblicos.

As três etapas devem ser levadas em conta, ao adaptar o material para as suas comunidades.

Sugestões de Uso da Cartilha

Esta cartilha pode ser usada para reflexão pessoal, mas desejamos, ardentemente, que vocês se juntem a outros grupos para fazer reflexões, discussões, planejar e executar ações a favor da paz e da justiça, na perspectiva de superar a violência.

Isto requer uma preparação cuidadosa. Pelo menos uma pessoa deve ter conhecimento completo do material para que possa orientar o grupo.

Deve haver uma atmosfera de boas vindas, confiança e entendimento entre os participantes.

Para início das atividades é sempre bom que o grupo esteja em forma de círculo, o que contribui para sua interação.

É importante que, já, na primeira atividade, todos se conheçam. Para tanto, reservem alguns minutos para a acolhida e apresentação de cada participante.

Depois disto, é bom que haja um momento bem alegre com um canto que fale de paz.

Apresentem os principais tópicos do texto e estimulem a conversa sobre o tema.

Dêem tempo para todos falarem de suas experiências no que se refere à violência e estejam atentos ao fato de que isso pode ser doloroso para algumas pessoas.

Lembrem-se de que escutar pode ser tão importante quanto falar, e que palavras violentas podem ser tão destrutivas quanto a própria violência.

Façam orações, enquanto estão trabalhando juntos. Que a Paz esteja com vocês enquanto refletem, agem e interagem.

Convite à Participação

“Paz não é algo que você deseja, é algo que você constrói, algo que você faz, algo que você é, algo que você doa e transmite aos outros através de seus sentimentos” (*Madre Tereza*)

Esta declaração nos desafia a ser doadores e construtores da paz. Ela lembra que a paz está dentro de nós. No entanto, para alcançá-la, precisamos trabalhar juntos e é isto que a Comissão da Década Para Superar a Violência deseja e espera das pessoas, das igrejas e comunidades em geral. Desejamos que todos busquem a reconciliação e a paz. Este é o desafio, ao iniciarmos, hoje, juntos, as nossas ações.

Trabalhar juntos nos permite entender, com mais clareza, as interconexões da violência em suas manifestações local ou global. Através da reflexão, podemos tentar descobrir de que maneira estamos, muitas vezes sem saber, sendo violentos ou contribuindo para que haja violência.

Com a ajuda da família ecumênica global podemos começar a experimentar novas formas de construir a paz. O processo de construção da paz deve ser participativo, comunitário. Ao se integrar num projeto para superar a violência, a comunidade fará um grande aprendizado, o de se relacionar e trabalhar pelo bem-estar de todos. As pessoas e a comunidade obterão muitas conquistas e se desenvolverão em todos os aspectos.

Porque a violência é tão multifacetada e penetra todos os ambientes, é preciso que cada pessoa, grupo ou igreja descubra um jeito próprio de se envolver com a questão da paz, possibilitando que a Década para Superar a Violência seja uma oportunidade e um novo tempo para mudanças de comportamento no âmbito local, nacional, regional e internacional.

Uma das perguntas mais frequentes com relação à Década é : “Como quebrar o ciclo da violência?”. Esta cartilha responde, em parte, a questão: Da mesma maneira que se quebra o ciclo da ignorância - educando as pessoas.

Por que uma Década para Superar a Violência?

Enquanto pensávamos que os incríveis avanços tecnológicos do século XXI conduziram a avanços no respeito básico das pessoas umas pelas outras, nos entristecemos ao ver que a violência étnica, racial, econômica, ambiental e de gênero continuam a prosperar.

Se já houve na história um momento em que precisamos parar e olhar para o século passado, este é o momento.

A Década foi concebida em 1998, na VIII Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Harare, Zimbabwe, como resposta ao apelo em favor de que a paz se estabeleça e beneficie as pessoas que vivem no planeta hoje e também as gerações futuras.

A Década nos desafia a olhar para o passado e rever nossas ações para não repetir os mesmos erros, colaborando com a destruição de povos e culturas.

A mensagem enviada pelo Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas para o lançamento da Década em Berlim, (4 de fevereiro de 2001), fez menção à esperança que temos para o novo século: “Chegamos juntos dos quatro cantos da terra, cientes da necessidade urgente de buscar novas formas e propor ações para que se possa superar a violência que permeia nossas vidas, nossas comunidades, nosso mundo e toda a ordem criada. Lançamos a Década como uma resposta aos anseios de nossos povos em busca da edificação de uma paz duradoura baseada na justiça.”

Entretanto, a Década não propõe um programa pré-definido. É, antes, um convite a todas as entidades cristãs para que, com os seus

próprios recursos humanos e materiais, trabalhem pela pacificação. É importante que igrejas e grupos ouçam este chamado e aceitem o desafio, de acordo com a sua realidade e capacidade, e possam aprender umas com as outras e atuar coletivamente em prol da paz e da justiça.

Mais do que um compromisso ou ação individual, trata-se, acima de tudo, de um trabalho coletivo em busca de superar as desigualdades sistêmicas que geram a violência individual, grupal e global.

É um momento privilegiado para que igrejas e indivíduos reexaminem que entendimento bíblico têm a respeito do chamado de Deus à reconciliação, à paz e à justiça.

Através de uma pesquisa realizada nas igrejas, durante os anos de 2000 e 2001, o CMI identificou quatro principais causas estruturais da violência:

- o espírito e a lógica da violência
- o abuso e uso errado do poder
- questões relevantes sobre justiça e paz
- identidade religiosa, pluralidade religiosa e violência

Esses quatro tópicos foram apontados não apenas para estudo acadêmico, mas também como lentes através das quais as igrejas podem conhecer os desafios encontrados na superação da violência. O CMI quer ajudar as igrejas no desafio de descobrir soluções duradouras para garantir a paz e a justiça.

Está claro, entretanto, que as ações e a dinâmica de interação podem variar de acordo com o contexto das comunidades e das igrejas. Os temas deverão ser investigados e trabalhados no ambiente específico de cada igreja.

A Violência é Inevitável?

Preparem e iniciem o debate, tomando como referência fatos acontecidos na comunidade e divulgados no jornal local:

- Quantos artigos trazem reportagens sobre violência?
- Que tipos de violência são mencionados?
- O jornal apresenta um quadro realista ou distorcido da violência praticada nas suas comunidades?

Continuem a atividade com um debate sobre atos de violência que vocês e os grupos presenciaram ou experimentaram, particularmente, nas comunidades. Respeitem a opção daqueles que não quiserem participar do debate.

Continuem indagando: vocês assistem TV, lêem notícias de jornais, ouvem rádio. Quantas dessas reportagens apresentam histórias envolvendo violência? Quais os tipos de violência mais divulgados? Por que vocês acham que foram selecionadas estas reportagens?

Que filmes estão sendo exibidos nos cinemas ou na TV? Que jogos os jovens estão jogando no computador? Vocês acham que existe muita violência nos filmes, jogos e no próprio lazer?

Para refletir:

A violência nos causa repulsa, mas também nos atrai.

A violência nos inquieta, mas também nos fascina.

A violência nos destrói, mas também nos protege.

Muitos de nós achamos a violência inevitável. Observando o mundo, nossas comunidades locais e nós mesmos, não é surpresa que cheguemos a esta conclusão. É fácil ser pessimista com relação à natureza humana, vendo o que somos capazes de fazer uns aos outros.

A fé nos ensina uma outra maneira de ver a natureza humana. Considerando o lugar da humanidade na criação, o Salmista declara que somos o melhor produto da criatividade de Deus (Sal. 8). Se os seres humanos são feitos à imagem de Deus (Gen 1:27), temos o direito de expressar a presença do sagrado em nós. Por fazer uma análise muito negativa de si mesmo, o ser humano acredita na existência de um deus que castiga, é violento e vingativo. E - ao louvar e adorar esse deus - glorifica a violência, não o Deus que perdoa, cuja lei maior é o amor e a misericórdia.

Isso não quer dizer que devemos viver num mundo de fantasia, onde tudo é bondade e alegria. Precisamos acreditar que a violência pode ter fim e que a humanidade pode ser transformada, quando ela reconhecer que, através de ações conjuntas, articuladas e contínuas é possível criar uma cultura de justiça e de paz. Para isso, temos que ser realistas, mas também confiantes, comprometidos e esperançosos.

Podemos começar por assumir que atos ou sentimentos de violência nos tornam responsáveis pelo que acontece na sociedade, hoje. Somos tentados a atribuir aos outros tudo o que está errado no mundo. Culparamos os outros membros da família, a sociedade, o governo, o capitalismo global, os nossos genes - “eu sou assim mesmo” - ou o nosso ambiente.

É claro que fatores externos devem ser considerados, e é preciso analisar com clareza os efeitos de todas estas causas de violência no mundo. Mas isso não deve servir de desculpa para não assumirmos a responsabilidade sobre nossos atos e sentimentos violentos.

Diante da violência não devemos nos considerar heróis nem vítimas. Se nos consideramos vítimas, ficamos imobilizados, frágeis, fatalistas, incapazes de mudar as coisas; ou, no outro extremo, tendemos a reproduzir o comportamento violento.

Aqui cabe uma reflexão sobre atitudes e motivações que nos levam à prática da violência.

Estamos usando de violência, quando

Obrigamos outras pessoas a nos servir e trabalhar em benefício dos nossos interesses pessoais.

Esta atitude tem na escravidão seu exemplo maior. Para muitos a escravidão ainda não foi abolida. É óbvio que não se trata de colocar pessoas num navio intercontinental e vendê-las a um senhor que as obrigue a trabalhar sem direito algum. É também escravidão subjugar uma pessoa, controlá-la, obrigá-la a agir contra a sua vontade, violentar seu corpo e suas idéias.

Em nome de uma suposta ajuda, levamos outras pessoas a ser e agir como se não tivessem identidade própria.

Nações e religiões têm justificado o uso do poder e da violência forçando os seres humanos a se anular, negar a sua identidade ou desistir de sua cultura de origem, em nome da sua suposta inclusão no padrão cultural ocidental cristão.

Concordamos com estruturas sociais injustas

Certamente que nenhum de nós, destinatários desta cartilha, é ladrão de banco ou corrupto. Entretanto, a maioria de nós defende um

sistema econômico global que violenta e conduz milhões de pessoas à miséria, em nome do lucro de poucos. As guerras e conflitos do nosso tempo estão relacionados com exploração de riquezas naturais, e com a manipulação de leis e organismos internacionais para defender o comércio e o capital transnacional.

Adotamos formas violentas de punir os que erram

Das duas maneiras freqüentemente utilizadas para punir os que agredem a sociedade, retribuir e reformar, a primeira é geralmente usada com prioridade.

Na primeira, se retribui a violência com o extermínio de pessoas e grupos que sejam considerados “perigosos”, “terroristas”, ou contrários ao que determinam as nações ricas. Mas, como disse Mahatma Gandhi: *“olho por olho acabaria por tornar todo mundo cego”*.

A segunda maneira *tem* sido uma justificativa satisfatória, uma desculpa para levar as pessoas a acreditarem que um dia será possível mudar determinadas situações através de leis que, na verdade, nada *mudam*.

Adotamos uma visão de justiça que transforma a vítima em agressor, para se proteger

É a violência vista como necessária, quando se trata de combater o que é “mau” ou “errado”, de acordo com princípios adotados por grupos hegemônicos que determinam o que é “certo” e justificam a inevitabilidade da violência.

É possível superar a violência justificando e praticando violência?

Não importa qual seja a justificativa, o uso da violência é auto-destrutivo e produz mais violência ainda, a longo prazo.

Justificamos o uso da violência para garantir uma suposta segurança, individual ou coletiva

Há situações que, aparentemente, justificam o uso da violência. Muitos de vocês podem ter exemplos destas situações vivenciados nas comunidades. Muitos defendem a violência como uma forma de garantir a segurança individual ou de sua família e o uso da violência parece ser a ordem natural das coisas. É preciso rever as razões que nos levam a justificar, defender ou praticar a violência. Será que temos refletido com seriedade sobre os recursos da fé para nos encorajar, inspirar e sustentar na proclamação da paz, do amor e da justiça?

Os recursos da fé como o estudo da Bíblia, o conhecimento da tradição, a experiência de vida em comunidade, o cultivo do louvor e a espiritualidade, podem nos ajudar a viver novas experiências e a praticar novas formas de convivência. Talvez possam nos fornecer uma visão alternativa de vida em comunidade.

Estudo Bíblico

O profeta Jeremias escreveu uma carta surpreendente ao povo de Jerusalém que tinha sido levado ao exílio na Babilônia pelo Rei Nabucodonosor.

“Assim fala o Senhor de todo poder, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu mandei deportar de Jerusalém para a Babilônia: Construí casas e habitai, plantai pomares e comei seus frutos, casai-vos, gerai filhos e filhas, ocupai-vos em casar vossos filhos e em dar vossas filhas em casamento para que elas tenham filhos e filhas; multiplicai-vos, aí não diminuais! Preocupai-vos

com a prosperidade da cidade para onde eu vos deportei e intercedei por ela junto ao SENHOR: porque de sua prosperidade depende a vossa.” (Jeremias 29.4-7)

Jeremias não disse a eles que deviam alimentar a esperança do fim do exílio. Em vez disso, ele falou que, no exílio, o povo deveria se sentir como se estivesse em casa, construindo suas habitações, plantando suas hortas e vinhas e continuando a vida familiar. Se o que o profeta disse os chocou, mais chocados ainda ficariam com as palavras do versículo 07, que os ensinava a orar e trabalhar pelo bem e pela paz (algumas traduções incluem até a palavra salvação) da cidade onde estavam exilados. O bem só seria possível se algo de bom também acontecesse para as demais pessoas da Babilônia.

Pensem sobre a situação daquele povo no exílio. Guardavam ressentimentos, estavam amargos devido à situação política e econômica em que viviam no exílio. Eram forçados a viver no meio do inimigo cuja religião eles desprezavam. Uma reação compreensível teria sido de aproveitar toda oportunidade para oferecer resistência e praticar a vingança. Mas Jeremias disse que eles deviam se esforçar para trazer o bem para o inimigo e isso se reverteria no próprio bem deles.

“Seja o amor sincero. Fugi do mal com horror, aderi o bem. Que o amor fraterno vos una com a mútua afeição. rivalizai na mútua estima. Com um zelo sem indolência, com um espírito fervoroso, servi ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na aflição, perseverantes na oração. Sede solidários com os santos necessitados, exercei a hospitalidade com diligência. Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que estão na alegria, chorai com os que choram.

Tende muita concórdia entre vós; não tenhais pretensões de grandezas, mas deixai-vos atrair pelo que é humilde. Não vos tomeis por sábios. Não retribuas a ninguém o mal pelo mal; tomai a peito fazer o bem diante de todos os homens. Se for possível, no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens. Não vos vingueis, meus diletos, mas deixai agir a cólera de Deus, pois está escrito: A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei, diz o Senhor. Mas se teu inimigo tiver fome, dá-lhe o que comer, se tiver sede, dá-lhe de beber, pois fazendo isso, ajuntarás brasas vivas sobre sua cabeça. Não te deixes vencer pelo mal, mas sê vencedor do mal por meio do bem.” (Romanos 12.9-20)

Paulo estava escrevendo aos cristãos que haviam sofrido perseguição. É fácil falar as palavras de Jesus: “Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe a outra” (Mt. 5.39). É difícil praticar este ensinamento de Jesus e mais difícil ainda é seguir a instrução de amar os nossos inimigos (Mt. 5:44). Paulo entendeu, perfeitamente, que a retaliação não é uma atitude própria para o cristão; antes, devemos usar o bem para vencer o mal. Esta é a lógica divina da reconciliação que contraria a lógica da violência.

Por que o nosso instinto nos instiga à vingança contra aqueles que nos ameaçam e nos ferem por causa da nossa fé? Como Jesus, na sua prática, nos ensinou a amar os “nossos inimigos”?

O que acontece se não buscarmos, além do nosso próprio bem, o bem e a paz daqueles que tememos, desprezamos ou odiamos?

Como Usamos o Poder?

Pensem sobre a eletricidade, o que ela possibilita fazer e os benefícios que trouxe para humanidade. Que riscos e perigos pode haver no uso da eletricidade?

Eletricidade é um bom exemplo de diferentes formas de poder: é ao mesmo tempo útil e perigosa. O poder é um assunto complexo e levanta temas abrangentes que devem ser discutidos e analisados com muita clareza.

(Se estiverem trabalhando em grupo, vocês podem dividi-lo em subgrupos, cada subgrupo pensaria sobre uma destas perguntas e depois a relataria ao outro). Que outras coisas na vida são úteis e ao mesmo tempo perigosas?

Quem decide, planeja, toma decisões, determina os comportamentos na família, na igreja, na comunidade local e no país? As decisões devem ser tomadas por um só indivíduo ou devem ser coletivas? Quem deu autoridade para uma ou mais pessoas tomarem decisões em nome da coletividade? Quem decide, geralmente, se sente poderoso? Por que? Como vocês julgam se as decisões tomadas são boas ou más para a coletividade?

Reflexão sobre o poder

Poder é a habilidade de controlar, de fazer as coisas acontecerem ou de impedir que aconteçam. Para saber se o poder é bom ou mau, é preciso saber de onde vem, quais são os seus objetivos, qual é a inten-

ção de quem o detém, como ele é usado e quais são os resultados de seu uso. No início da conversa sobre eletricidade, talvez vocês tenham notado que há fatores importantes na geração de eletricidade tais como: se a geração de energia é feita com recursos não renováveis; se no processo de produção e uso da energia são utilizadas máquinas poluentes; se o mercado de energia explora a mão-de-obra, e os seus consumidores; se os riscos à vida humana e à natureza estão devidamente controlados; quais são os seus benefícios e que prejuízos pode acarretar para as pessoas, indústrias, residências ou estabelecimentos comerciais.

A violência é um exemplo do mau uso e/ou abuso do poder. Isso, no entanto, não deve ser motivo para se negar a existência do poder ou mesmo deixar de usá-lo. É nesta particularidade que se diferencia o poder da violência. É possível sonhar com um futuro sem violência. Individualmente, nos sentimos incapazes e fracos para transformar uma realidade que nos parece tão difícil. Precisamos usar o poder coletivo – além do individual - para corrigir o que está errado, transformar atitudes, buscar a reconciliação. Sem o uso adequado do poder nada de bom acontece. Segundo um ditado popular, o mal somente triunfa quando quem é bom e deseja o bem não faz nada.

De onde vem o poder? Uma resposta para esta pergunta é que o poder vem de Deus. Isso pode ser um reconhecimento de que Deus é o criador de tudo e o poder vem como dom do Espírito Santo. Para algumas pessoas, o poder é da natureza de Deus. É possível selecionar textos bíblicos para justificar o uso violento do poder como sendo o que Deus quer. Igualmente, é possível acusar Deus para justificar o mau uso que fazemos do poder. Estaríamos desta forma, invertendo a situação, fazendo Deus à nossa imagem e semelhança, como se a natureza violenta procedesse de Deus. No entanto o que aprendemos com o evangelho de Cristo é que a

ressurreição e a transformação não se dão pela força física, pelo uso de armas, pelo uso de foguetes espaciais ou pelo sistema econômico.

Há um poder em cada um de nós, que talvez seja a marca mais evidente de que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. É o poder do amor, da solidariedade, da união, da paz que transforma. O poder transformador é tanto maior quanto mais estivermos unidos. Temos fortes imagens bíblicas do poder do povo de Deus nas Escrituras do Velho Testamento e no Novo Testamento. Temos muitos exemplos do poder transformador da Igreja e do Reino de Deus. Às vezes, falamos da possibilidade de dar poder às pessoas como se o poder fosse algo que pode ser transferido ou doado. Devemos antes falar da atuação de pessoas que vivem o Evangelho do amor, do perdão e da paz. Como essas pessoas agem e marcam presença através da educação do seu povo. É preciso atuar junto ao povo, para que ele possa aprender a canalizar seu próprio poder transformador e a sua vontade criativa de mudar situações de sofrimento, pobreza e dor em capacidade de superação e de construção de uma nova realidade social, política e econômica, que traga melhoria para todos.

Para os cristãos o uso do poder deve pressupor uma atitude de responsabilidade: temos que prestar contas do uso que fazemos do poder. É preciso saber de que fontes o poder emana, e como as pessoas são afetadas por ele na sua vida cotidiana. Vamos refletir sobre cinco tipos inter-relacionados de poder.

O Poder da Força Física

Podemos conseguir que as pessoas realizem muitas coisas, se atuamos, democraticamente, realizando discussões e acatando as decisões consensuais dos grupos. Outra maneira de fazer acontecer – ou evitar que aconteça – alguma coisa, é semeando o medo, fazendo amea-

ças e usando a força física. Um policial ou um ladrão, armados, trabalham com o mesmo princípio. Diante de uma arma as pessoas ficam vulneráveis e menos propensas a reagir. O valentão no recreio da escola, os pais e maridos autoritários em casa, o chefe ou líder arrogante no trabalho e a poderosa superpotência internacional, todos, adotam o mesmo princípio, o dos poderosos e valentões: “sou maior e mais forte, posso mais, então façam o que eu exijo”. Para alguns pode não ser agradável ler ou ouvir isso e tomar consciência do mau uso que fazem do poder. As atitudes autoritárias devem ser denunciadas e isto não agrada aos que abusam do poder e da força. Muitas vezes, quando não conseguem ter sua vontade acatada, as pessoas usam de força física. Vamos refletir sobre qual é a nossa alternativa ao uso da força física? (Tempo para o grupo discutir e apresentar propostas alternativas ao uso da força física).

O Poder dos Recursos Materiais

Pessoas que detêm recursos ou ocupam postos de decisão, muitas vezes usam isso para subjugar, dominar, subornar, impor sua vontade, fazer exigências absurdas. Maridos manipulam e sujeitam suas mulheres e filhos, fazendo ameaças e impondo restrições financeiras. Instituições, pais, maridos, proprietários e chefes manipulam, ameaçam e submetem as pessoas à subserviência em nome de seu poder econômico.

Nações ricas, políticos, chefes de estado, líderes do sistema econômico global fazem o mesmo com as nações, submetendo-as e exigindo que adotem políticas que lhes confirmam vantagens financeiras, ameaçando-as com guerras e restrições econômicas e boicotando o uso e a comercialização de seus produtos e de recursos, inclusive naturais. O poder econômico domina, quando líderes e poderosos controlam recursos indispensáveis à sobrevivência das pessoas, comunidades ou nações. Que alternativas podemos oferecer às pessoas que estão submeti-

das ao poderio econômico global ou mesmo àquelas que são forçadas a se submeter ao poder de quem manipula os recursos econômicos?

O Poder do Conhecimento

É o uso de conhecimentos e recursos intelectuais adquiridos por pessoas ou instituições de pesquisa, exclusivamente, para benefício próprio ou de grupos e nações poderosas. O conhecimento está se tornando um produto comercial, controlado, manipulado e vendido como outro produto qualquer (commodity), sujeito a certos tipos de protecionismo, através de leis internacionais. Tornou-se objeto comercial manipulado por interesses políticos e econômicos de indivíduos, grupos e nações dominantes.

Como forma de poder, a Ciência tem-se apoderado do “conhecimento” adquirido pela tradição e acumulado, através dos tempos, por povos, nações, grupos sociais ou até pessoas. A manipulação do conhecimento científico tem sido uma forma de impedir o uso de avanços da Ciência e de seus resultados em benefício das pessoas, da vida e das comunidades. O poder do conhecimento tem fortalecido e enriquecido algumas nações, enfraquecendo, empobrecendo e até destruindo outras que não possuem recursos financeiros para adquirir e ampliar seus conhecimentos, e custear suas pesquisas. Como atuar e exigir que a ciência e o conhecimento seja um direito de todos e não só dos poderosos?

O Poder da Mídia e dos Meios de Comunicação

Outro tipo de poder é o da mídia. Os meios de comunicação estão presentes em todas as sociedades, comunidades e lares. A mídia é um instrumento de formação e divulgação de opinião, de idéias, de fatos e conhecimentos com grande capacidade de penetração e de poder sobre as pessoas e nações. Ela pode manipular pessoas e instituições, sendo

usada, de forma inescrupulosa, por grupos econômicos, religiosos, políticos, etc., para criar, divulgar ou distorcer fatos, idéias e conhecimentos, a serviço dos seus interesses. É possível adotar medidas para melhorar o uso dos meios de comunicação e transformar a mídia em um recurso menos manipulado, mais útil para todos e mais ético?

O Poder da Posição Social

Presidentes, primeiros-ministros, senadores, deputados, governadores, prefeitos, líderes comunitários, bispos, sacerdotes, pastores, maridos, pais, mães são exemplos de pessoas que detêm o poder advindo da sua posição.

Evidentemente, o poder advindo da posição só pode funcionar, totalmente, se houver o consentimento dos “governados”. Em algumas culturas os anciãos detêm este tipo de poder.

Como podemos ter certeza de que aqueles que ocupam posições privilegiadas, não estão manipulando o poder? De que tomam decisões responsáveis e éticas, visando o bem comum?

Sacerdotes, pastores, líderes religiosos e igrejas têm muito poder, devido à posição que ocupam diante dos seus “fiéis”. O papel do líder religioso foi sendo construído, historicamente, através de uma tradição, como se o líder fosse representante de Deus na terra. Essa forma de pensar foi sendo aceita pelas pessoas ou comunidades sem nenhum questionamento. A mesma pergunta cabe também aqui: estaria a igreja, através de seus líderes, usando o poder que a comunidade lhes delegou para o bem comum ou para proveito pessoal ou de pequenos grupos privilegiados? O que o poder religioso tem feito para melhorar as condições dos pobres,

humilhados, explorados, expropriados e enganados? Como a igreja e seus líderes usam o poder, e quem dele se beneficia?

O Poder Moral

Este tipo de poder é complexo e inclui valores culturais, mitos, usos e costumes que são passados de uma geração a outra, podendo ser exercido por pessoas, líderes, governantes, sacerdotes. Muitos têm poder moral devido à força de seus cargos, do seu papel no grupo local ou familiar, e até mesmo à sua personalidade, e exigem atenção, consideração e até mesmo obediência. A sua influência pode ser boa ou má. O poder moral - bom ou mau - depende da aceitação das pessoas ou grupos comandados. Contudo, esse tipo de poder se transforma de acordo com a época. Não existe poder moral absoluto. Mesmo esse tipo de poder precisa ser avaliado e questionado, quando causar prejuízo às pessoas e comunidades.

Como entendemos e analisamos e que propostas fazemos para a questão do uso do poder? Como atuamos, a partir da nossa própria experiência? É possível refletir, de modo mais claro e mais justo, junto com a comunidade, e atuar para mudar a atual visão e uso do poder?

Estudo Bíblico

O Rei Davi é lembrado na imaginação popular por dois fatos - por um ato de heroísmo e por um enorme abuso de poder. A história de Betsabá, de Davi e de Urias não é basicamente sobre promiscuidade sexual. Temos que lembrar que Davi tinha muitos relacionamentos, coabitava com diversas mulheres e esse era um comportamento culturalmente

aceitável pelos seus contemporâneos. Quando Davi viu Betsabá, cujo marido estava distante, na guerra, ele se enamorou dela. Mandou, então, que ela fosse conduzida ao seu quarto. Desde esse fato ele entrou numa seqüência de ações desastradas. Betsabá ficou grávida. Para encobrir este fato, Davi tentou persuadir o marido dela, Urias, que estava longe com o exército em guerra, a voltar para casa para que a criança que havia de nascer fosse aceita como filha dele. Mas Urias tinha um grande sentido de responsabilidade, junto aos companheiros, numa batalha perigosa, e se recusou voltar e a dormir com sua mulher. Davi, como o rei que detinha o poder, deu uma ordem cínica: Urias devia ser colocado na primeira linha de frente da batalha para que fosse morto. Davi não se sentiu constrangido com o seu ato violento. Logo, tomou Betsabá como uma de suas esposas.

“David disse a Uriá: “Permaneça aqui ainda hoje, e amanhã eu te mandarei de volta”. Uriá permaneceu em Jerusalém, naquele dia e no dia seguinte. David o convidou. Ele comeu e bebeu em sua presença, e David o embriagou. À tarde Uriá saiu e foi deitar-se no seu leito, entre os servos de seu senhor, mas não desceu à sua casa. Na manhã seguinte, David escreveu uma carta a Iobab e a enviou por intermédio de Uriá. Escreva nesta carta: ‘Destacai Uriá para a primeira linha, onde mais forte for o combate. Depois vos afastareis dele. Ele será atingido e morrerá’. Iobab, que sitiava a cidade, destacou Uriá para onde sabia estarem guerreiros valentes. Os habitantes da cidade saíram e atacaram Iobab. Houve vítimas entre o povo, entre os servos de David, e Uriá, o hetita, morreu também.” (II Samuel 12.1–7)

Vocês consideram que Davi abusou do poder que tinha como rei? Achem que Davi queria, sinceramente, usar o seu poder para corrigir os erros do povo e da nação judaica, que foram revelados pelo profeta Natan? Por que ele não conseguiu controlar o seu desejo de poder?

“Comportai-vos entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo: ele que é de condição divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus. Mas despojou-se, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens, e por seu aspecto, reconhecido como homem; ele se rebaixou, tornando-se obediente até a morte, e a morte numa cruz. Foi por isso que Deus o exaltou soberanamente e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” (Filipenses 2.5-11)

Neste trecho lindo, Paulo está, provavelmente, citando um hino de louvor próprio daqueles primeiros tempos. Ele diz muitas coisas sobre Cristo, que merecem a nossa reflexão. Mas agora focalize sua atenção no que o texto diz a respeito do poder.

O que este trecho nos ensina sobre o uso de poder? Por que Cristo usou este método de se esvaziar de toda a glória divina para se identificar com as pessoas humanas? Por que Cristo aceitou passar pela experiência da morte e este ato se tornou algo tão poderoso?

O que estes dois textos ensinam a vocês a respeito de como usar o poder nos seus relacionamentos?

Como agir com justiça?

Para começar, pensem em uma ocasião, em um momento de suas vidas em que vocês disseram: “Isto não é justo” ou “Aquilo não é certo”. Pode ter sido algo que aconteceu com vocês, ou que vocês viram acontecer com outra pessoa. O que foi que os levou a dizer que algo não era justo ou certo? Como vocês chegaram a esta opinião? Como vocês ou as outras pessoas envolvidas se sentiram injustiçadas?

Quando em situação de mando e de poder, vocês já cometeram injustiças? Por que? Como? (Reflitam consigo mesmos). É possível mudar essa forma de comportamento injusto? Ou é preferível continuar exercendo o poder, de forma injusta, para ser importante e reconhecido?

Quais são as notícias e acontecimentos de sua comunidade, nacionais ou globais que as pessoas estão discutindo, com mais frequência, hoje? Quais delas envolvem sentimentos de injustiça? Por que somos mais sensíveis a algumas formas de injustiça do que a outras?

Reflexão Sobre o Poder

Quando falamos de justiça, muitas vezes, estamos pensando na Corte e Fóruns Judiciais, onde a aplicação das leis é decidida por juizes, magistrados, advogados e testemunhas, por defensores da lei, que deveriam atuar em defesa do bem comum. De fato, é vital que justiça seja feita na Corte, mas há muito para ser dito e vivenciado sobre justiça. Justiça é respeito mútuo aos direitos humanos. É convivência humana - digna, moral e ética - para muito além do aspecto legal. É o respeito às ações ética-

mente adequadas para restaurar os relacionamentos humanos. O que é “certo” deve estar aberto à discussão, mas devemos pensar além do estabelecimento de erro, culpa e sentença legal dada por jurados e juizes.

Podemos descobrir duas imagens diferentes de Deus nas escrituras do Velho e do Novo Testamento. Uma apresenta Deus como um juiz humano, que baixa sentença na Corte. A outra O descreve como um juiz que faz justiça ou que faz a justiça acontecer.

A primeira preserva o papel de Deus como aquele juiz que toma a decisão final sobre o que é bom e certo. Deus não é um observador neutro da vida e do mundo. É um Deus que age e espera de nós atitudes diante da realidade. Deseja que as pessoas assumam a responsabilidades na maneira de se tratar umas às outras. O Deus da segunda imagem não espera até o fim dos tempos para julgar os relacionamentos, se certos ou errados. Ele não criou as pessoas para dominarem umas às outras. Ele as criou para agirem com justiça, em relação ao seu próximo, no momento presente. Por isso a justiça e a misericórdia são vistas de forma integrada. O alvo da justiça não deve ser, simplesmente, punir os culpados para prevenir erros no futuro. Justiça é, antes, um conjunto de ações que se renovam e buscam novas formas de relacionamento harmonioso e justo entre os seres humanos. A justiça deve atuar para que a vida em comunidade seja solidária e digna para todos e todas.

O Livro dos Juizes, na escritura hebraica, contém histórias de homens e mulheres que foram apontados por Deus para endireitar os erros da época. O papel deles era fazer justiça. Os juizes podem ter entendido a mensagem de Deus de uma forma e agido de outra. Ainda que, do nosso ponto de vista, hoje, tenhamos questionamentos e restrições à maneira de agir daqueles líderes e às suas intenções, eles esta-

vam praticando a justiça de acordo com os critérios e a ética daquela época. Os profetas hebraicos exigiam justiça. Em todas as gerações tem havido pessoas que atenderam ao chamado de Deus para trabalhar pela justiça. É preciso agir com justiça, de acordo com os critérios estabelecidos por Jesus - ele exortou os discípulos a que pregassem o Evangelho, praticassem a justiça e defendessem os injustiçados. Este mesmo chamado é feito, hoje, para nós.

A injustiça é uma forma de violência. Ela produz violência onde o povo, sem outro recurso, usa a própria força para corrigir os erros. A injustiça também estimula o crescimento da violência econômica, política, étnica e racial. Embora repudiemos os atos abusivos praticados por aqueles que procuram ocupar o seu lugar no mundo a que têm direito, sabemos que o mau uso do poder gera injustiças e instiga as pessoas a ações violentas. Não é possível estabelecer, de forma duradoura, relações felizes, por meios injustos.

Há maneiras diferentes de usar a palavra “paz”. Acabar com a violência física, numa situação particular, é uma forma de encontrar a paz. Entretanto, a paz duradoura não será alcançada, até que todas as formas de violência e injustiça tenham sido banidas. A necessidade de reconciliação é uma realidade. A busca de certas formas de justiça - como a punição com a morte aos que cometem crimes contra a humanidade - pode produzir reações violentas.

Justiça é exigir que se faça o que é considerado certo, seja pela Lei de Deus ou pela lei humana? Ou seria buscar e/ou restaurar formas de relacionamento e de convivência, baseadas no respeito, numa perspectiva de vida mais digna para todos? Que diferença a nossa resposta pode fazer sobre a nossa maneira de agir?

Pensemos sobre quatro formas de injustiça, entre as muitas existentes, que, sendo violentas, podem se tornar estímulos ou fontes de aprendizado de violência.

Injustiça Econômica

A distribuição desigual das riquezas tem levado a muitos desequilíbrios. Temos visto que, ao longo da história, o enriquecimento das elites tem resultado no empobrecimento cada vez maior de populações inteiras na maioria das nações. A força de trabalho das pessoas é explorada de tal forma que elas não conseguem meios de se sustentar. Há nações muito ricas cuja população está mergulhada na miséria. A globalização econômica multiplica esta injustiça no nível global. Ricos exploram pobres; nações poderosas, por razões políticas e econômicas, impõem leis, declaram guerras, dominam e subjagam outros povos, levando-os à miséria e ao aniquilamento.

Injustiça Política e Social

Muitos de nós acreditamos, profundamente, na democracia representativa e na habilidade das nações de construir um ambiente de paz, propício e justo, onde as pessoas possam viver com dignidade. No entanto, nações poderosas que não conseguem controlar nem mesmo o seu próprio “destino”, tentam controlar as outras nações, impondo-lhes condições que comprometem até mesmo a sua subsistência. Muitas nações também negam ao seu povo os direitos políticos, econômicos e sociais, a pretexto de estarem promovendo o desenvolvimento e a segurança nacional. Assim, governantes exploram seu povo; nações ricas exploram nações pobres e impedem o seu crescimento; em alguns países, os cidadãos não participam de eleições livres; em outros, eles não votam porque

não confiam na capacidade de suas entidades representá-los e defender seus direitos e necessidades; processos se acumulam, sem solução, nos tribunais, enquanto privilegiados compram a “justiça” e decisões políticas ajudam os poderosos a escapar das conseqüências de seus atos.

Injustiça Cultural

A condenação, a destruição e a ameaça à identidade religiosa e cultural dos povos - antes feita, publicamente, pelo Imperialismo e pela Colonização – persiste hoje, de forma sutil, inclusive através da mídia. A identidade, a cultura de um povo é uma força libertadora que preserva, renova, anima e apóia a vida em comunidade. A identidade cultural tem raízes dentro das culturas locais e cria sentido para a vida comunitária. Contudo está sendo destruída, para dar lugar a uma cultura global orientada, política e comercialmente, por interesses do capital transnacional. A identidade de um povo, comunidade ou família e os seus valores e culturas estão sendo desprezados, em nome de uma cultura massificada, voltada para o consumo, globalizada, onde o ser humano perde as suas referências, raízes e valores éticos. O ideal de vida propagado pela sociedade globalizada enfatiza o egoísmo e o individualismo, prioriza o sucesso econômico e promove a glorificação da violência.

Injustiça Racial

A injustiça racial desumaniza as pessoas. Através dos anos, os povos indígenas e negros têm sido tratados como inferiores, e submetidos ao preconceito, à humilhação e à violência.

Cada uma dessas formas de injustiça desencadeia mais violência. A violência acaba sendo disseminada e incentivada como a única

saída e a única resposta efetiva daqueles que foram deserdados de seus direitos, destruídos na sua identidade, desrespeitados e humilhados.

Como podemos trabalhar para a transformação das injustiças raciais em oportunidades de convivência e de direito à vida em comunidade? Como atuar para que os relacionamentos entre pessoas de diferentes etnias possam ser dignos, respeitosos? Como superar preconceitos e semear a justiça e a paz para todos, sem distinção?

Estudo Bíblico

Explorar outras pessoas parece ter sido algo sempre presente na história do homem. O povo de Israel sabia como devia conviver com os outros, conforme a Lei de Deus. Mesmo assim, precisava, constantemente, ser lembrado pelos profetas de que era vontade de Deus que ele agisse com justiça.

“Escutai, vós que encarnicais contra o pobre, para aniquilar os humildes da terra, vós que dizeis: “Quando é que passará a lua nova, para podermos vender os grãos, e o sábado, para abriremos os sacos de trigo, diminuindo a efá, aumentando o siclo alterando balanças mentirosas, comprando os indigentes a dinheiro e um pobre por um par de sandálias? Venderemos até o farelo do trigo! “O Senhor jura pelo orgulho de Jacó: Jamais me esquecerei de uma só de suas ações.” (Amós 8.4-7)

Manipular preços a favor do vendedor de milho, ou do vendedor de ações no mercado tem a mesma conotação de fraude e corrupção, dentro de parâmetros pregados e denunciados pelos profetas. O resultado é sempre o mesmo: os poderosos ganham, os pobres perdem. Vender produtos

inferiores como sendo de boa qualidade e autênticos é um ato desonesto, como é desonesto vender produtos adulterados ou prejudiciais à saúde. Comercializar artigos religiosos, com a promessa de bens espirituais, para fins de obter fama e lucro, é uma prática ainda pior, que denota a hipocrisia de pessoas ditas religiosas, que freqüentam a igreja e dizem louvar a Deus, mas obtêm vantagens com a prática de comércio ilícito.

Qual é a relação entre justiça e adoração a Deus? Mais ou menos 800 anos depois, Jesus levantou na Sinagoga, em Nazaré, e pronunciou palavras de Isaías como fundamentais para o ministério dele.

“Deram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, encontrou a passagem onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento da parte do Senhor.’ Enrolou o livro, entregou-o ao servente e se assentou: todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então ele começou a lhes dizer: ‘Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvís’.” (Lucas 4.17 – 21)

O fato relatado por Lucas se deu logo após a tentação de Jesus no deserto. Jesus tinha resistido à tentação de negociar a sua missão, servindo a si mesmo, num ministério superficial. Em vez de, simplesmente, condenar ou exigir retribuição daqueles que causaram a pobreza, a exclusão, a cegueira e a opressão, Jesus usou as palavras citadas por Lucas para incentivar as pessoas a corrigirem os seus erros. Ele afirma que fazendo justiça é que se restaura a dignidade.

Um visitante atento poderia usar estas palavras para descrever o ministério de sua igreja?

Que dizem a nós estes dois trechos bíblicos de Amós e Lucas sobre a maneira como devemos praticar a justiça?

Qual a Importância da Identidade?

Para iniciar, reúnam alguns símbolos que digam algo sobre quem vocês são. Pode ser certidão de nascimento, passaporte, identidade, carteira de motorista algo que diga alguma coisa sobre vocês. Juntem também algo que simbolize sua vida, o que vocês são, o que os identifica enquanto cidadãos, também os seus relacionamentos, o que vocês acreditam, suas atividades, seus interesses, sua personalidade.

(Somente para grupos) Cada participante deve fazer uma lista de dez palavras que descrevam a si mesmo. Juntar as listas e distribuí-las, aleatoriamente, entre as pessoas. Cada uma terá que descobrir, com a ajuda das outras, se necessário, quem é a pessoa descrita naquela lista.

Para ajudar a refletir sobre identidade

Talvez nos surpreendamos ao descobrir que outras pessoas podem não nos ver da mesma maneira que nós.

Nossos relacionamentos, muitas vezes, entram em crise, quando não reconhecemos que a opinião dos outros não corresponde à opinião que fazemos de nós mesmos.

Muitas vezes não sabemos distinguir entre o ideal do que devíamos ser e a realidade do que realmente somos.

Uma igreja pode proclamar sua identidade como uma comunidade cordial que recebe com alegria os seus visitantes, e os seus membros acreditarem que é isto mesmo. Mas para as pessoas que a visitam, a identidade da igreja pode parecer exatamente o contrário do que ela proclama.

Para promover boas relações, nós e nossas igrejas precisamos nos observar e descobrir como é que os outros nos percebem. Devemos admitir, com honestidade, as nossas falhas. Precisamos estar certos de que nossa identidade não é comprometida pelo uso de máscaras, procurando ocultar o que realmente somos.

As pessoas, geralmente, precisam de máscaras, porque os seus comportamentos e relacionamentos pessoais foram forjados através da ameaça e do medo, num regime autoritário, repressivo e opressivo, sem vínculo de amor ou de respeito.

A igreja representa o corpo de Cristo e a promessa da vinda do Reino de Deus, e se a sua identidade não reflete o reino do Amor e do Evangelho, ela perde a razão de ser. Ser cristão é viver a dimensão do amor - vivido e ensinado por Jesus - na relação com as outras pessoas. Isto dá ao culto e ao louvor uma dimensão maior, pois que atesta a sua identidade universal evidenciada na prática diária da vida de seus membros, onde quer que estejam.

A identidade religiosa tem sido um dos fatores presentes em muitas formas de violência, e tem contribuído para desencadear atitudes violentas dentro de famílias e comunidades e entre as nações. Essa identidade é aquela que as pessoas de fé atribuem a si mesmas, mas é também aquela identificada pelos outros. O uso da violência tem muitas vezes sido justificado pelo viés religioso. Talvez seja melhor dizer que a identidade religiosa é um fator que causa a violência. Isso, devido à complexidade tanto da questão da identidade religiosa quanto da questão da violência. A religiosidade e a violência trazem na sua construção histórica justificativas para destruição da vida e estas causas interagem entre si. A violência entre comunidades pode ser uma mistura de conflitos relacionados com as questões econômicas, sociais e culturais como: problemas de desemprego,

habitação, saúde, educação, segurança, preconceito, racismo. Ainda que a diferença religiosa seja apenas um dos fatores da violência, ela pode ser usada para desencadear e fortalecer os conflitos e, cada vez mais, ressaltar as diferenças de identidade entre grupos que se confrontam.

Provavelmente, não faria diferença se os dois lados do conflito fossem designados como “maçãs” e “laranjas” e não como esta ou aquela religião, pois a razão da disputa seria a mesma.

Mas o fato é que a religião é quase sempre usada para definir a identidade de um grupo e os seus conflitos. As religiões são vistas como causadoras de conflitos e guerras como, por exemplo, Cristãos e Muçulmanos, Cristãos e Judeus, Muçulmanos e Judeus, Hindus e Sikhs e muitas outras combinações. Talvez pensemos que a religião cristã não é, de modo particular, geradora de conflitos. No entanto, se analisarmos, vamos descobrir que temos produzido muitos conflitos religiosos. Os conflitos têm se evidenciado mais naquelas culturas onde se acredita que a essência do conflito é o cristianismo.

Talvez queiramos perguntar se existe uma identidade puramente religiosa. Uma identidade religiosa está diretamente relacionada com o que cremos, mas ela não se limita a isso. Cristãos podem concordar com uma base comum da fé, por exemplo, o Credo de Nicéia. Mas isto não é uma identidade comum para todas as igrejas cristãs nem para cada um dos cristãos - longe disso! De fato, as igrejas poderiam discutir até que ponto a identidade é um fator de entendimento dentro de um certo contexto, ou se a identidade religiosa está relacionada com a construção histórica de determinado grupo religioso e como o mesmo se formou em determinado contexto histórico ou econômico. Se dissermos que nossa identidade religiosa pode ser e estar separada da identidade de nacionalidade, étnica ou política, ou mesmo da identidade que é resultado de nos-

soos relacionamentos ou nossas atividades, corremos o perigo de expressar uma fé que não envolve a vida na sua totalidade.

Se estamos falando de identidade religiosa, ela inclui também o nosso relacionamento com Deus. Existe uma relação estreita entre como entendemos a questão da violência e como entendemos o poder, a justiça, o amor e a natureza de Deus. O que acontece é que, em vez de firmar a sua identidade na relação com o outro, como seres criados à imagem e semelhança de Deus, filhos herdeiros da graça em Cristo, o que muitos fazem é criar uma identidade para Deus, que distancia os seres uns dos outros, o que favorece a satisfação dos seus interesses e justifica as suas ações.

Na construção da identidade é necessário ter espaço para pesquisar, refletir sobre quem somos e como nos relacionamos uns com os outros e com Deus.

No Conselho Mundial de Igrejas tem-se discutido a idéia de espaço ecumênico, isto é, espaço onde pessoas com identidade religiosa diferente possam se sentir seguras e ser o que são.

Entrar em relações de aceitação mútua dentro e entre religiões seria um passo grande demais para alguns. Aceitar aqueles que não têm a mesma crença que nós pode ser uma parte importante de nossa identidade religiosa, uma vez que a identidade se evidencia a partir da diversidade. Sectarismo e fundamentalismo religioso se firmam como se fosse possível uma única identidade, cujas linhas radicais não consideram as diferenças, o que é uma distorção de identidade.

A capacidade de ver os outros positivamente tem implicações para a nossa fé, nossa teologia e para a compreensão do que é missão. Atividade missionária agressiva pode ser vista como violação dos direitos humanos e desrespeito à cultura religiosa do outro. A violência religiosa é

contrária à idéia do Evangelho e aos objetivos de missão. Missionários cristãos nem sempre têm sido sensíveis às culturas negras e indígenas, preferindo impor-lhes uma identidade cristã ocidentalizada. Atos litúrgicos de arrependimento por esse tipo de agressão podem nos ajudar a resgatar relacionamentos positivos entre cristãos e outras culturas, tanto em nossas comunidades, como em culturas de diferentes partes do mundo.

Existe uma diferença entre aceitar as pessoas nas relações humanas e sociais e aceitar e respeitar a sua fé e crença religiosa? Como podemos reconciliar convicções profundas de fé e uma atitude de abertura e aceitação do outro? Como podemos ver as pessoas que têm crença religiosa diferente da nossa como um potencial para enriquecer a nossa própria fé e não como uma ameaça à nossa identidade?

Estudo Bíblico

Ser o povo escolhido de Deus é um privilégio dignificante, mas também uma responsabilidade. Moisés explicou isto num encontro com povo de Israel.

“E agora, Israel, o que o Senhor teu Deus, espera de ti? Ele espera apenas que temas o Senhor, teu Deus, seguindo todos os seus caminhos, amando e servindo o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, guardando os mandamentos do Senhor e as leis que hoje te dou para tua felicidade. Sim, ao Senhor, teu Deus pertencemos céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que nela se encontra! Mas é a teus pais que o Senhor se ligou para os amar; e, depois deles, à sua descendência, isto é, a vós que ele escolheu entre todos os povos, como hoje se vê. Circuncidareis, portanto, o vosso coração; não endurecereis vossa cerviz,

pois é o Senhor, vosso Deus, que é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o grande Deus, poderoso e terrível, o imparcial e o incorruptível, que faz justiça ao órfão e à viúva, e que ama o imigrante, dando-lhe pão e manto. Amareis o migrante, pois fostes migrantes na terra do Egito. Ao teu Senhor, teu Deus temerás e servirás, a ele te ligarás, por seu nome jurarás. Ele é o teu canto e louvor, ele é teu Deus, que fez por ti estas grandes e terríveis coisas que viste com teus olhos. Teus pais não eram senão setenta quando desceram do Egito e agora o Senhor teu Deus te tornou tão numeroso quanto as estrelas do céu.” (Deuteronômio 10.12 – 22)

Existem dois problemas com o privilégio: 1º - podemos apreciar tanto o privilégio que esquecemos da responsabilidade; 2º - acreditar que o privilégio deve ser apenas do nosso grupo e mantê-lo dentro de um círculo fechado.

Parece haver exemplos demais destes problemas nas escrituras do Velho Testamento e na história da Igreja Cristã. Talvez por isso Moisés foi lembrado como um líder que deu ênfase constante ao privilégio e também à responsabilidade do povo que foi escolhido por Deus. Este tema foi levantado mais tarde também pelos profetas. Existe um relacionamento dinâmico entre privilégio e responsabilidade, que não pode ser visto como um ensino simplório de “segue a lei de Deus, assim Ele vai lhe fazer um favor; você vai ganhar um prêmio de Deus.”

Entre os privilégios e responsabilidades de Israel estava o de acolher bem os estrangeiros, os que não pertenciam à nação judaica, aqueles que tinham uma cultura diferente. Deus cuida de todos os povos, dos que são fracos e não têm posição na sociedade.

Os privilégios e responsabilidades das igrejas incluem ou excluem as pessoas que não são membros de nossas comunidades? O que significa para a nossa igreja saber que Deus cuida deles da mesma maneira que cuida de nós?

“Mas agora, em Jesus Cristo, vós que outrora estáveis longe, fostes tornados próximos pelo sangue de Cristo. É ele, com efeito, que é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade. Em sua carne destruiu o muro da separação: o ódio. Ele aboliu a lei e os seus mandamentos com suas observâncias. Ele quis assim, a partir do judeu e do pagão, criar em si um só homem novo, estabelecendo a paz, e reconciliá-lo com Deus, ambos em um só corpo, por meio da cruz, onde ele matou o ódio. Ele veio anunciar a paz a vós que estáveis longe, e a paz aos que estavam perto. E é graças a ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai.” (Efésios 2.13 – 18)

A afirmação de Efésios não é de que Cristo, simplesmente, derriba as barreiras entre judeus e “gentios”; só isso já seria uma boa nova em si. Mas Efésios prossegue dizendo que Cristo faz uma mudança radical, para criar uma nova criatura, uma nova humanidade. O Projeto de Deus em Cristo é dar a todos a oportunidade de salvação, de mudança de rumo, de vida nova. Criar um projeto novo para a vida é criar uma nova dimensão de justiça e de paz.

Como podemos ter certeza de que a nossa identidade traz esta marca de nova criatura em Cristo, e que não cria nem preserva as barreiras da inimizade, que dividem a igreja e as nossas sociedades?

Sugestões

É Possível Atuar para Transformar?

Esperamos que a reflexão dos grupos sobre os temas levantados nesta cartilha tenha sido o primeiro passo de uma longa caminhada para um novo projeto de vida.

Esperamos que o que vocês conversaram e refletiram juntos tenha possibilitado:

- a) levantar sugestões, algumas dicas e perguntas que os ajudarão a tomar decisões;
- b) criar desafios para que vocês não se acomodem e se satisfaçam com a realidade das coisas tal como estão;
- c) perceber que a fé cristã nos dá recursos imensos de trabalhar, realizar mudança em nós mesmos, em nossas igrejas e na sociedade.

Focalizando e Procurando Ver Mais Profundamente

Num livreto como este não é possível abranger todos os temas sobre como superar a violência e alcançar a reconciliação e paz. É certo que precisamos caminhar muito mais em direção da justiça e da paz, e para que as nossas ações sejam efetivas, precisamos estar focalizados no evangelho da redenção, do amor, do direito à vida em abundância. É necessário ainda buscar outros temas, identificar, pelo menos,

um ou dois temas próprios da realidade de sua comunidade, que vocês considerem importantes. Estes temas podem estar relacionados tanto com problemas locais como com grandes conflitos globais.

Exemplo: Uma congregação levanta o tema sobre a violência nas ruas de sua comunidade; outra se envolve em campanhas contra a fome e a dívida externa das nações pobres; outra igreja escolhe atuar junto às famílias para ajudar na superação da violência contra mulheres e crianças. Sejam quais forem os temas que escolherem, vocês precisam atuar com compromisso e ir fundo nas questões, analisando e considerando as raízes dos problemas. Buscar aprender e atuar junto com outros grupos, observando, indagando, dialogando para saber como foi possível superar as dificuldades e transformar a realidade.

Saibam o que Vocês Querem Fazer

Queremos superar a violência? Então não basta apenas dizer para as pessoas que elas devem deixar de abusar de crianças ou acabar com os conflitos étnicos. A violência, na maioria dos casos, está relacionada com a maneira de tratar os problemas básicos. Temos de refletir sobre como podemos reagir a problemas particulares, de maneira não violenta, e como podemos desenvolver soluções justas para remover ou reduzir as causas da violência. Precisamos ser capazes de sugerir alternativas positivas para superar violência; buscar envolver grupos antagônicos, através de novos métodos e novas formas de se relacionar. A quantidade de violência no mundo pode nos assustar, amedrontar e nos convencer de que não há nada que possamos fazer. Se focalizarmos ações simples e pequenas, mas que façam parte do espaço onde estamos, e o fizermos com empenho, certos de que a nossa

atuação vai fazer diferença, nós estaremos iniciando um importante processo de mudança na nossa comunidade, mas que terá reflexos em muitas outras. Não se preocupem com o grande número de coisas que vocês precisam fazer para superar a violência. Iniciem com algo que vocês possam realizar.

Envolvam mais Gente

Busquem encontrar outras pessoas que estejam dispostas a trabalhar pela paz. Há, na sua comunidade ou congregação, amigos e amigas que podem estar juntos com você, se envolver e atuar na Década para Superar a Violência? Há grupos de mulheres e de jovens atuantes, que, com energia e imaginação podem se juntar a outros grupos para trabalhar no mutirão da paz? Há grupos de estudos bíblicos que podem estar refletindo, mais especificamente, sobre amor, paz e reconciliação? Como poderia o trabalho de aconselhamento pastoral de sua congregação dar apoio e ajuda às vítimas da violência? É possível reservar um espaço seguro para abrigar as vítimas da violência, onde elas possam falar sem medo sobre a agressão que sofreram e sobre os seus agressores? Vocês poderiam envolver outras congregações locais e outras denominações para ações conjuntas em favor da paz? É possível diferentes igrejas criarem grupos de solidariedade e de ajuda mútua para as vítimas de violência? Vocês conhecem organizações que desenvolvam campanhas ou ações pela paz e atuem com as questões de violência na sua comunidade, cidade ou nação? De que maneira vocês podem atuar, mais efetivamente, para superar a violência e conseguir a paz na sua comunidade ou na sua família?

Ações Concretas

Vamos lembrar algumas ações concretas para superar a violência. Vocês podem buscar e criar muitas outras formas, contudo destacamos as que se seguem:

Quanto Mais Informados e Mais Ações Divulgarmos em Favor Da Paz, Mais Estamos Colaborando para Superar a Violência.

A violência é uma ameaça para a humanidade e um desafio para as pessoas que acreditam e praticam a justiça, buscam viver em harmonia e seguem o que Jesus viveu e ensinou: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Os profetas e os evangelhos falam da possibilidade de um reino de paz entre as pessoas, as nações e com a natureza. Logo, quanto mais os cristãos conhecem as lições bíblicas e buscam se informar sobre as diferentes maneiras de se alcançar a paz, mais o reino de Deus estará sendo implantado entre a humanidade. Citamos duas alternativas possíveis de ser imediatamente iniciadas.

Oração

A Oração é uma ação poderosa e também perigosa. Se nós esperamos que Deus realize transformações sem mudar o que somos, estamos enganados e ficaremos desapontados. Como descobrimos nas primeiras páginas desta cartilha, nós somos parte do problema da violência e não apenas observadores. Ao orar, nós abrimos as nossas mentes e corações e também nossas igrejas para fazer a vontade de Deus. A disciplina espiritual através da oração nos capacita a viver e a promover a reconciliação e a paz tanto em nossas vidas como em nossas congrega-

ções. Isto significa também estarmos abertos para mudanças nas nossas atitudes e na maneira de nos relacionarmos com as outras pessoas, nos tornando capazes de perdoar e de sermos perdoados. Oração é um meio poderoso para mudanças e transformação de atitudes e comportamentos. Orar é também uma nova forma de atuar e de se solidarizar com as vítimas da violência.

*Atuação - Não Guardem para Si
Suas Idéias e Planos: Atuem!*

Comuniquem, divulguem para outras pessoas o que vocês têm aprendido e o que pretendem fazer em prol da paz. A Década Para Superar a Violência é uma iniciativa das igrejas. Precisamos atuar e encorajar uns aos outros na busca da paz, divulgando nossas idéias, experiências e nossas atividades. Se possível mobilizem as pessoas que são líderes na sua cidade, para que elas se juntem em um trabalho voluntário e criem grupos comunitários ou comitês para atuar na superação da violência e na construção da paz. Procurem criar comitês em todos os bairros da cidade e envolver diferentes representantes da sociedade civil, das associações de bairro, das entidades culturais e de promoção social, igrejas etc. Quando houver mobilização de diferentes setores e líderes da cidade, planejem, juntos, oficinas, mutirões pela paz, atos públicos em favor da paz e convoquem toda a população para os eventos.

Comuniquem à sua igreja nacional e ao seu conselho de igrejas cristãs de que modo vocês estão se envolvendo com a Década. Entrem em contato com o Conselho Mundial de Igrejas também.

“Não é suficiente falar sobre paz. A gente precisa crer nela. E não é suficiente crer nela. A gente precisa trabalhar por ela.” (*Eleanor Roosevelt*)

Preces

Em meio à fome e à guerra,
Nós celebramos a promessa de prosperidade e paz.
Em meio à opressão e à tirania,
Nós celebramos a promessa de serviço e liberdade
Em meio à dúvida e ao desespero,
Nós celebramos a promessa de fé e esperança.
Em meio ao medo e à traição,
Nós celebramos a promessa de prazer e lealdade.
Em meio ao ódio e à morte,
Nós celebramos a promessa de amor e vida.
Em meio ao pecado e à decadência,
Nós celebramos a promessa de salvação e renovação.
Em meio à morte por todos os lados,
Nós celebramos a promessa do Cristo vivo.
Amém

Senhor, oramos

Pela paz em nosso país
Pelas vítimas da violência em todos os lugares
Por aqueles que lutam por paz e justiça
Pelas Igrejas em situações de conflito
Por um mundo sem guerra e violência

Guia-me da morte à vida, da falsidade à verdade,
Guia-me do desespero à esperança, do medo à confiança,
Guia-me do ódio ao amor, da guerra à paz,
Deixe que a paz preencha nosso ser, nosso mundo e nosso universo.
Amém

Salmo da Paz Sonhada

(Carlos A. R. Alves)

A esta hora exatamente

Em que acordoes de paz são incapazes de paz

Existe em algum canto de um casebre distante

Uma pintura pobre,

Mas rica, que diz: Lar Feliz!

A esta hora exatamente

Em que os imperadores insensíveis dizem que a guerra é santa

Existe em algum lugar do planeta um profeta

Que protesta na praça com o povo.

A esta hora exatamente

Quando paira um presságio de pavor

Existe uma capela qualquer que se apressa na prece e pede:

Venha teu Reino, Senhor!

A esta hora exatamente

Quando as estrelas atômicas profanam o céu do Senhor

Existe em alguma várzea poluída

Um menino que empina uma pipa com a pomba da paz.

E esta hora exatamente

Em que sobre a terra escorre o sangue dos silenciados

Existe um velhinho que pinta em seu novo jardim

Uma, duas, três rosas de amor.

A esta hora exatamente
Em que o berro estridente e infernal exalta o holocausto
Existe uma criança nascendo
Trazendo e fazendo o futuro...
Senhor, eu rezo com o Zé Lima:
“Que os teus pequenos sinais de vida enfraqueçam as grandes
pretensões de morte”.
E que possamos cantar sob mil bandeiras brancas a paz...
Que traz... o bem... que vem...